

O Início do Ministério de Jesus

(1:19–51)

A primeira metade do Evangelho de João compõe um relato do ministério público de Jesus (1:19—12:50). É um ministério público porque durante esse tempo João Batista apresentou Jesus ao público para ser avaliado e, assim esperava ele, ser aceito como o Cristo, o Filho de Deus. Leon Morris sugeriu que a seção 1:19–51 a 2:1–11 narra a primeira semana agitada do ministério público de Jesus:

Primeiro dia – João Batista deu testemunho a algumas autoridades judaicas (1:19–28).

Segundo dia – João mostrou Jesus a uma multidão (1:29–34).

Terceiro dia – Dois discípulos de João, provavelmente André e João, filho de Zebedeu, seguiram Jesus (1:35–40).

Quarto dia – André apresentou Simão Pedro a Jesus (1:41, 42).

Quinto dia – Filipe e Natanael seguiram Jesus (1:43–51).

[Sexto dia – não mencionado explicitamente, mas implícito em 2:1.]

Sétimo dia – aconteceu o casamento em Caná, onde Jesus transformou água em vinho (2:1–11).¹

Somente aqui o Evangelho contém essa sequência de dias tão detalhada. A pergunta óbvia é: “Que importância isso tem?” João já havia chamado a atenção para o relato da criação em Gênesis empregando as palavras “no princípio” (1:1). A sequência de dias de João pode muito bem ecoar a semana da criação narrada em Gênesis 1². João

referiu-se à criação (1:3, 4) e não muitos parágrafos adiante discorreu acerca do novo nascimento (cap. 3), ou o que Paulo denominou “nova criação” (2 Coríntios 5:17; NVI). Embora não tenhamos certeza de que essa sequência de dias foi elaborada para remeter à semana da criação, é evidente que a narrativa sugere atividade criativa.

O TESTEMUNHO DE JOÃO BATISTA (1:19–36)

No Prólogo, João Batista foi apresentado como um homem enviado por Deus, cuja missão não era de origem humana, mas de origem divina (1:6); ele era o que veio dar testemunho da luz (1:7, 8). Dar testemunho de Jesus foi a principal obra de João Batista. O texto enfatiza isso por meio da repetição. A referência ao testemunho de João começa em 1:19 e segue adiante.

O Testemunho de João aos Fariseus (1:19–28)

¹⁹Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? ²⁰Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. ²¹Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não. ²²Disseram-lhe, pois: Declaramos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo? ²³Então, ele respondeu:

Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías.

²⁴Ora, os que haviam sido enviados eram de entre os fariseus. ²⁵E perguntaram-lhe: Então, por que batizas, se não és o Cristo, nem Elias, nem

¹Leon Morris, *The Gospel according to John*, ed. rev., The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1995, p. 114.

²Ibid.

o profeta? ²⁶Respondeu-lhes João: Eu batizo com água; mas, no meio de vós, está quem vós não conheceis, ²⁷o qual vem após mim, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias. ²⁸Estas coisas se passaram em Betânia, do outro lado do Jordão, onde João estava batizando.

Versículo 19. O testemunho de João foi dado a uma delegação oficial enviada pelos judeus de Jerusalém. A pregação de João causou um grande alvoroço entre o povo (Mateus 3:5), e era natural e até esperado que as autoridades religiosas fizessem perguntas. Embora a expressão “os judeus” seja rara nos Evangelhos Sinóticos, ela aparece com frequência em João. Ocasionalmente, essa referência é usada num sentido neutro, como em explicações de certos rituais (2:6; veja NVI). Ela também é usada num sentido favorável, como na afirmação de que “a salvação vem dos judeus” (4:22). O uso mais comum refere-se às autoridades judaicas da Judeia e, especialmente, de Jerusalém – especificamente, os líderes do Sinédrio, encarregados de todos os assuntos internos judaicos sob a jurisdição romana. Raymond E. Brown afirmou que “o Quarto Evangelho usa os judeus quase como um título técnico para as autoridades religiosas, particularmente as de Jerusalém, que são hostis a Jesus”³. Este grupo foi até João com uma pergunta simples: **Quem és tu?**

Versículo 20. O testemunho de João à delegação enviada de Jerusalém foi tanto negativo como positivo. Primeiro, falando negativamente, ele confessou livremente: **Eu não sou o Cristo.** Muitos se perguntavam se ele seria o Cristo (veja Lucas 3:15), mas João declarou claramente que ele “não era o Cristo” ao usar o pronome enfático ἐγώ (*egō*, “eu”). Na língua grega, o pronome pessoal só acompanha o verbo para efeito de ênfase. João respondeu como se dissesse: “Eu não sou aquele que é o Cristo”. O título grego Χριστός (*Christos*), transliterado para “Cristo”, é a tradução da palavra hebraica para “Messias” e significa “O Ungido”. A vinda do Messias era esperada a qualquer momento; mas se as autoridades judaicas pensavam que João era o Messias prometido, estavam enganadas.

Versículo 21. Visto que João não era o Cristo, seus interrogadores pensaram que ele poderia ser Elias; sendo assim, a segunda pergunta foi: **És tu**

Elias? Malaquias havia predito que Deus enviaria Elias (Malaquias 4:5). A expectativa judaica era de um retorno corpóreo de Elias, o que João negou. João cumpriu a profecia, mas de forma figurada. Isso foi predito pelo anjo Gabriel (Lucas 1:17) e Jesus também o testificou (Mateus 11:11–15; 17:10–13). A negação de João (**Não sou**) provocou uma terceira pergunta: **És tu o profeta?** Moisés havia predito que um “profeta” como ele viria (Deuterônimo 18:15–18). Muitos aguardavam a chegada desse profeta (6:14; 7:40), mas João não era o profeta. Por esse motivo, ele deu uma resposta concisa: **Não.** Sabemos por intermédio de Pedro (Atos 3:22, 23) e Estêvão (Atos 7:37) que esse profeta era de fato Jesus, o Cristo, e não João Batista. Essa passagem e 7:40 e 41 parecem esclarecer que os judeus faziam uma distinção entre o profeta e o Cristo. A brevidade das respostas de João não deve ser ignorada. As respostas de João Batista foram cada vez mais curtas. João tinha vindo para dar testemunho de outrem e não estava interessado em perguntas sobre si mesmo.

Versículo 22. Até este ponto, os homens enviados pelos judeus absolutamente nada sabiam sobre João, exceto suas negações. Visando obter alguma resposta para os judeus, perguntaram-lhe diretamente: **Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo?** Dada a agitação provocada pela pregação de João, eles precisavam de algum conteúdo para relatar aos seus superiores.

Versículo 23. Em segundo lugar, falando positivamente, João afirmou ser aquele predito por Isaías. Ele era **a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor.** Todos os Evangelhos citam essa declaração de Isaías 40:3 e aplicam-na a João Batista (Mateus 3:3; Marcos 1:3; Lucas 3:4; João 1:23), mas somente em João 1:23 ele mesmo o disse a respeito de si mesmo. A resposta de João foi coerente com sua missão de dar testemunho de outro. Ele não era uma personalidade distinta para quem as pessoas deveriam olhar; ele era apenas uma voz apontando para o Rei que estava chegando. Essa voz estava “clamando” no deserto. A palavra “clamar” vem de βοάω (*boō*), que significa fazer uma “proclamação solene”⁴. Implica falar com voz forte e impostada. De uma forma enérgica, João procla-

³ Raymond E. Brown, *The Gospel According to John (i–xii)*, The Anchor Bible, vol. 29. Garden City, N.Y.: Doubleday & Co., 1966, p. lxxi.

⁴ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 180.

mou solenemente a chegada de Cristo. A ideia de “endireitar o caminho do Senhor” consiste em nivelar os declives e endireitar as curvas das estradas para a passagem de um rei. A missão de João era a de um arauto, que vai adiante de outro proclamando coisas que estão por vir. O que estava por vir era o Messias, e as pessoas precisavam preparar o coração e a mente para conhecê-lo (veja Lucas 1:17, 76–79). Isto condiz com a mensagem de arrependimento de João registrada nos Evangelhos Sinóticos (Mateus 3:2; Marcos 1:4; Lucas 3:3).

Versículo 24. O significado deste versículo não é claro. Considerando que foram enviados “sacerdotes e levitas” (1:19), e que a maioria dos sacerdotes e levitas eram membros do partido dos saduceus, era de se esperar que alguns saduceus fizessem parte da delegação; porém João não se referiu a essa seita nem aqui nem em outro versículo do Evangelho. O poder da seita dos saduceus, que estava vinculado ao templo e ao sistema sacrificial, foi reduzido drasticamente com a destruição de Jerusalém em 70 d.C. Portanto, eles provavelmente já não estavam no poder na época em que João escreveu, estimada entre 80 d.C e 95 d.C. É difícil imaginar que os severos **fariseus** teriam **enviado** sacerdotes e levitas (saduceus) para falar com João. D. A. Carson propôs que a melhor alternativa é a sugerida pela versão inglesa NEB de 1:24, 25: “Alguns fariseus que estavam na delegação lhe perguntaram...” Ele conjecturou que, embora os fariseus não controlassem o Sinédrio, eram influentes; e “uma delegação oficial dificilmente seria enviada sem alguns representantes da ala deles”⁵.

Geralmente se presume que a seita dos fariseus remonte aos hassidim⁶ dos períodos sírio e macedônio. O termo “fariseus”, que significa “os separados” ou “separatistas”, enfatiza a preocupação de evitar qualquer impureza ética ou cerimonial. Isso incluiria até consumir “alimentos cujo dízimo não tivesse sido pago”⁷. Eram meticulosos na observância da lei. Tendiam a colocar uma barreira em torno da lei pelo modo como a entendiam. Eram dedicados às suas tradições e frequentemente as

⁵D. A. Carson, *O Comentário de João*. Trad. Daniel de Oliveira e Vivian Nunes do Amaral. São Paulo: Shedd Publicações, 2007, p. 144.

⁶H. L. Ellison, “Fariseus” em *O Novo Dicionário da Bíblia*. Org. J. D. Douglas; editores assistentes F. F. Bruce... [et al.]; editor da edição em português Russell P. Shedd; trad. João Bentes, 3a. ed. rev. São Paulo: Vida Nova, 2006, p. 496.

⁷F. F. Bruce, *The Gospel of John*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1983, p. 50.

elevavam à mesma posição das Escrituras (veja Marcos 7:6–13). No que diz respeito à prática, acabavam por manter suas tradições acima da lei. Morris comentou que os fariseus “parecem sempre ter representado o povo comum em oposição à aristocracia, e a religião pura em oposição às políticas eclesiásticas tão características dos saduceus”⁸. Os fariseus exerciam grande influência sobre as práticas religiosas da época. Qualquer ensinamento novo ou diferente era rapidamente percebido e por isso João Batista foi submetido às suas investigações.

Versículo 25. João havia atraído certo interesse, tanto por causa de sua pregação como por dos batismos que realizava. Se João fosse **o Cristo** ou **Elias** ou **o profeta**, era de se esperar que ele batizasse pessoas; mas João negou ser qualquer um desses notáveis. Então, os judeus queriam saber com que autoridade ele estava **batizando**. Não é que a delegação ignorasse o batismo. Era um ritual que os judeus exigiam dos prosélitos, ou seja, os convertidos ao judaísmo de outras religiões. O escritor de Hebreus destacou que os que estavam debaixo da lei preocupavam-se, entre outras coisas, com “diversas abluções” (Hebreus 9:10)⁹. O batismo de João diferia do batismo dos que se convertiam ao judaísmo pelo menos em dois aspectos: 1) os prosélitos se batizavam¹⁰ a si mesmos, João batizava seus convertidos e 2) João insistia que os judeus fossem batizados assim como os gentios. Os judeus eram o povo escolhido de Deus, e até mesmo sugerir que eles precisavam de purificação era inaceitável para alguns. O que, então, poderia justificar o batismo de João?

Versículos 26 e 27. A resposta de João foi caracteristicamente enfática: **Eu batizo com água**. A fonte de autoridade de João Batista era Deus, segundo ele declarou em 1:33. Em resposta aos fariseus, ele chamou a atenção para aquele do qual ele veio testemunhar. Em outras palavras, ele disse: “Eu, de minha parte, batizo com água e tenho autoridade para fazer isso; mas eu não sou nada comparado com Aquele que vem depois de mim”. Ele não disse que o batismo não era importante, pois era;

⁸Morris, p. 122.

⁹Neil R. Lightfoot escreveu: “Havia purificações para o sumo sacerdote (Levítico 16:4, 24), para os sacerdotes (Êxodo 30:18–21; Levítico 8:6), para os levitas (Números 8:6–7), para leprosos e impuros (Levítico 14:8–9; Números 19), e para roupas e utensílios (Levítico 6:27–28)”. (Neil R. Lightfoot, *Jesus Christ Today*. Abilene, Tex.: Bible Guides, 1976, p. 168.)

¹⁰Mishná *Pesahim* 8:8; Talmude *Yebamoth* 46a, 47b.

mas sua importância estava no fato de conduzir as pessoas até Jesus (1:31). João estava preocupado em dar testemunho de Jesus, pois era para esse fim que ele foi enviado (1:6–8). Esse mesmo Jesus, que estava no meio deles, mas era desconhecido por todos, era maior do que João (1:15). E João disse mais sobre Cristo: **...não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias**. Desatar as correias das sandálias era tarefa de escravos. Um discípulo podia fazer qualquer coisa por seu mestre, exceto desatar essas correias. Essa tarefa manual não era da competência de um discípulo; no entanto, João, por maior que fosse, não se considerava digno de realizar essa pequena tarefa para o Cristo. Exceto pelo sacrifício de Jesus, seria difícil pensar em um exemplo de humildade maior do que o de João.

Versículo 28. Betânia, do outro lado do Jordão significa “casa de passagem”, indicando um lugar de travessia. Orígenes popularizou a variante “Bethabara”, no terceiro século, porque não encontrou uma “Betânia, do outro lado do Jordão” em suas viagens¹¹, mas o termo é rejeitado pela maioria dos estudiosos do texto. A leitura original provavelmente é “Betânia”, apoiada não só textualmente, mas também pelo esforço cuidadoso de João para distingui-la da Betânia, do lado leste do monte das Oliveiras, a pouco mais de três quilômetros de Jerusalém (11:1, 18). Era na “Betânia, do outro lado do Jordão” que **João estava [continuamente] batizando**¹².

O Testemunho de João às Multidões (1:29–34)

²⁹No dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: **Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!** ³⁰É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim. ³¹Eu mesmo não o conhecia, mas, a fim de que ele fosse manifestado a Israel, vim, por isso, batizando com água.

³²E João testemunhou, dizendo: **Vi o Espírito descer do céu como pomba e pousar sobre ele.** ³³Eu não o conhecia; aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: **Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o**

¹¹ Orígenes, *Comentário sobre João* 6.204–5; 13.455.

¹² Uma antiga tradição identifica “Betânia, do outro lado do Jordão”, onde João batizou com um local oposto a Jericó, na mesma região onde Elias ascendeu ao céu (2 Reis 2:5–14). Outros locais também foram sugeridos.

que batiza com o Espírito Santo. ³⁴Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.

Versículo 29. No dia seguinte era o dia após os inquiridores de Jerusalém interrogarem João Batista. Os ouvintes não são identificados, mas presume-se que era uma multidão comum que costumava ouvir João pregar. A ocasião era a volta de Jesus a “Betânia, do outro lado do Jordão” (1:28), após jejuar quarenta dias no deserto e ser tentado pelo diabo (veja Mateus 4:1–11). Os versículos 29 a 34 dão continuidade ao tema do testemunho de João a respeito de Jesus e apresentam uma longa lista de títulos que podem ser aplicados a Jesus:

“O Cordeiro de Deus” (1:29, 36),

“O Filho de Deus” (1:34, 49),

“Rabi” (1:38, 49),

“O Messias” ou o “Cristo” (1:41),

“O Rei de Israel” (1:49),

“O Filho do Homem” (1:51).

João disse: **Eis o Cordeiro de Deus**. A força da palavra “eis” está em chamar a atenção para Jesus. Isto condiz com a tarefa de João de mostrar aos outros **Jesus**. Muito já se especulou sobre o motivo exato de João ter chamado Jesus de “o Cordeiro de Deus”. A palavra original para “Cordeiro” em 1:29, 36, *ἀμνός* (*amnos*), ocorre somente mais dois versículos do Novo Testamento (Atos 8:32; 1 Pedro 1:19). Atos 8:32 é uma citação de Isaías 53:7, e 1 Pedro 1:19 fala de redenção. Ambas as referências comparam Cristo a um cordeiro sacrificial. Israel sabia qual era o papel do cordeiro como sacrifício. Cordeiros (“das primícias do seu rebanho”) foram oferecidos por Abel como o mais excelente sacrifício (Gênesis 4:4; veja Hebreus 11:4). Um cordeiro era sacrificado por cada família na Páscoa (Êxodo 12). Cordeiros sem manchas deveriam ser oferecidos nos sacrifícios diários no tabernáculo e depois no templo (Êxodo 29:38–42). Jesus é o Cordeiro de Deus sacrificado por todos os seres humanos. Warren W. Wiersbe comentou: “No Antigo Testamento, a pergunta é: ‘Onde está o cordeiro?’ (Gênesis 22:7). Nos quatro Evangelhos, a ênfase é: ‘Eis o Cordeiro de Deus!’ Aqui está ele!”¹³

Jesus, enquanto Cordeiro, **tira o pecado do mundo**. Embora o cordeiro não fosse o animal tí-

¹³ Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento: volume I*. Trad. Suzana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p. 370.

pico de uma oferta pelo pecado debaixo da lei mosaica, João deixou claro que o Cordeiro de Deus foi sacrificado para tirar o pecado do mundo. O propósito da vinda de Cristo era a redenção da humanidade perdida – não só de Israel, mas do mundo inteiro. Não há nenhum justo; todos pecaram (Romanos 3:10, 23). Todos precisam do sacrifício de Jesus, e esse sacrifício é a única maneira pela qual qualquer pessoa pode ser redimida. Isaías profetizou:

Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca. Por juízo opressor foi arrebatado, e de sua linhagem, quem dela cogitou? Porquanto foi cortado da terra dos viventes; por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido (Isaías 53:7, 8).

Versículo 30. Este versículo identifica claramente Jesus como Aquele de já existia antes de tudo (veja 1:15): **É este a favor de quem eu disse: após mim vem um varão que tem a primazia, porque já existia antes de mim.** Embora João tenha nascido fisicamente antes de Jesus, Jesus realmente já existia dele, pois (o Verbo) existe por toda a eternidade. A preexistência de Jesus comprova sua superioridade sobre João (veja 8:58; 17:5).

Versículo 31. João **não o conhecia.** O termo “conhecer” deriva da raiz οἶδα (*oida*), que exprime a plenitude do conhecimento. João, embora fosse parente de Jesus e provavelmente já conhecesse um pouco a respeito dele, não tinha certeza se Jesus era o Messias¹⁴. O que João de fato sabia era que o propósito do seu batismo era revelar o Messias a Israel. Aqui, João nada disse sobre o seu batismo ser de arrependimento (veja Marcos 1:4; Lucas 3:3); o propósito final de seu batismo era preparar o caminho para Jesus.

Versículo 32. O escritor do Evangelho de João presumiu que seus leitores já sabiam do batismo de Jesus. Um sinal – a descida do **Espírito** – foi dado a João Batista para identificar Jesus como o

¹⁴ Se João não sabia que Jesus era o Messias antes de o Espírito descer sobre Ele (1:32, 33), por que relutou em batizá-lo (Mateus 3:14)? É possível que João tivesse ouvido falar do nascimento miraculoso de Jesus e de seu notável conhecimento das Escrituras, quando ainda era jovem. É concebível que João tenha aprendido a respeitar Jesus de longe. Visto que João não detectou nenhum pecado em Jesus, quando Jesus pediu para ser batizado, João não pôde deixar de recusar e pedir o contrário. O fato de João ter grande estima por Jesus antes de seu batismo não significa necessariamente que ele entendesse completamente quem Jesus realmente era.

Messias. **João testemunhou, dizendo: Vi** (veja 1:7). A palavra “vi” vem de θεάομαι (*theaomai*), que significa um “olhar pensativo”; o tempo verbal aqui usado é o perfeito, indicando efeitos contínuos de uma ação passada. João examinou a cena com seus próprios olhos e acabou por se convencer do que viu. Ele viu o Espírito descer do **céu** como **pomba e pousar sobre** o Senhor.

Versículo 33. João repetiu que não **conhecia** Jesus como o Messias até a descida do **Espírito**. Conforme relatado nos Evangelhos Sinóticos, a descida do Espírito como pomba ocorreu concomitantemente com a voz do céu depois que Jesus saiu das águas – isto é, depois que João o batizou (Mateus 3:16, 17; Marcos 1:10, 11; Lucas 3:22). Aqui neste Evangelho, a descida do Espírito identifica Jesus como **o que batiza com o Espírito Santo**. João não informou quando recebeu o sinal, mas é evidente, pela comparação com os Evangelhos Sinóticos, que ele recebeu esse sinal de Deus e que soube que Jesus era o Messias por meio desse sinal.

Versículo 34. João enfatizou: **Eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus.** “Ele” refere-se àquele sobre quem o Espírito desceu (1:32, 33). Os verbos “vi” (έώρακα, *heōraka*) e “tenho testificado” (μεμαρτύρηκα, *memarturēka*) estão no tempo perfeito, indicando uma *firme* convicção da parte de João. Não havia dúvida em sua mente sobre quem Jesus realmente era. No que dizia respeito à obra ou missão de João, estava concluída. Ele tinha ouvido a voz do céu (veja Mateus 3:13–17) e tinha visto com seus próprios olhos o sinal da chegada do Messias. Aquele por quem João Batista fora enviado como arauto – o Filho de Deus – havia chegado. O quarto Evangelho foi escrito para gerar fé nessa verdade (veja os comentários sobre 20:31).

O Testemunho de João aos Dois Discípulos (1:35, 36)

³⁵No dia seguinte, estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos ³⁶e, vendo Jesus passar, disse: Eis o Cordeiro de Deus!

Versículos 35 e 36. Chama a nossa atenção neste versículo o marcador de tempo **no dia seguinte** – isto é, no dia seguinte ao testemunho de João registrado em 1:29–34. Enquanto **estava João outra vez na companhia de dois dos seus discípulos** ele viu **Jesus**; e, fiel à sua missão, ele mostrou Jesus

a esses dois discípulos. Na frase “vendo Jesus”, o verbo é ἐμβλέπω (*emblemō*), que se refere a um olhar penetrante e pensativo. (Veja em 1:42 a única outra ocorrência desse verbo neste Evangelho.) Em seguida, João pronunciou: **Eis o Cordeiro de Deus!** (veja os comentários sobre 1:29). Um dos “discípulos”, ou “aprendizes” (aqueles que se vinculam a determinado mestre), é identificado em 1:40 como “André”. Acredita-se que o outro era o discípulo amado, João. O detalhe de que João Batista estava parado olhando de maneira penetrante para Jesus enquanto este **passava** é um dos casos que evidencia a presença de uma testemunha ocular relatando os fatos neste Evangelho.

A RESPOSTA DE ALGUNS DISCÍPULOS (1:37–51)

André e Pedro (1:37–42)

³⁷Os dois discípulos, ouvindo-o dizer isto, seguiram Jesus. ³⁸E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, disse-lhes: **Que buscais? Disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde assistes?** ³⁹Respondeu-lhes: **Vinde e vede. Foram, pois, e viram onde Jesus estava morando; e ficaram com ele aquele dia, sendo mais ou menos a hora décima.** ⁴⁰Era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus. ⁴¹Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: **Achamos o Messias (que quer dizer Cristo),** ⁴²e o levou a Jesus. **Olhando Jesus para ele, disse: Tu és Simão, o filho de João; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro).**

Versículo 37. O próprio João não disse nada sobre seguir Jesus, mas todo o seu ministério foi planejado para apontar para Jesus. Sendo assim, quando **os dois discípulos** ouviram João Batista dizer: “Eis o Cordeiro de Deus”, **seguiram Jesus.** O termo “seguiram” traduz um aoristo do verbo ἀκολουθέω (*akolouthēō*), que pode indicar uma decisão imediata e resolvida. F. F. Bruce acrescentou: “Pode-se entendê-lo como um caso de aoristo ‘ingressivo’: ‘tornaram-se seus seguidores’”¹⁵. Neste caso, não ponderaram simplesmente e provisoriamente a ideia; puseram-se a segui-lo imediatamente. Ali estavam dois homens – dois homens normais, mas religiosos – que queriam entregar

¹⁵ Bruce, p. 56.

suas vidas a Jesus. Eles provavelmente não entenderam tudo o que o título “Cordeiro de Deus” engloba, mas certamente entenderam que João Batista estava mostrando que Jesus era Aquele a quem eles deveriam agora se vincular.

Versículo 38. E Jesus, voltando-se e vendo que o seguiam, perguntou-lhes: **Que buscais?** Jesus não fez essa pergunta por desconhecer a resposta (veja 2:25). Já estavam seguindo João Batista, esses homens certamente queriam um relacionamento com Deus. Eles viram algo em Jesus que acreditavam que saciaria esse desejo. Há uma bem-aventurança a todo o que tem fome e sede de justiça (Mateus 5:6). Jesus é o único que pode saciar a fome de uma alma cansada. Esses homens acreditavam que haviam encontrado em Jesus o que estavam procurando.

André e o discípulo não denominado responderam à pergunta de Jesus com outra pergunta: **Rabi... onde assistes?** Esta pergunta é interessante por diversas razões. 1) Eles O chamaram de “Rabi”, que João traduziu para os leitores não judeus por **Mestre**. O termo significa literalmente “meu grande”. Era comumente usado como uma forma de tratamento respeitosa de um aluno para com seu mestre, seu professor. É claro que esses homens tinham grande consideração por Jesus. 2) Eles perguntaram: “Onde estás hospedado?” (NVI). Esta não parece ser uma resposta natural à pergunta: “Que buscais?” Quando perguntaram: “Onde assistes?” não estavam só perguntando onde Jesus morava. Esses homens tinham ouvido falar de Jesus e queriam saber mais. Uma conversa casual não seria suficiente para as perguntas que eles tinham. Queriam passar algum tempo com Jesus para descobrir mais sobre Ele e o que Ele tinha a oferecer.

Versículo 39. A resposta de Jesus foi simples: **Vinde e vede.** É a mesma resposta que Filipe deu a Natanael em 1:46. Essa frase era comum entre os rabis. Era usada para mostrar que a solução para um problema particular era possível. Os dois discípulos queriam saber sobre Jesus; e Jesus, na verdade, disse: “Venham e vejam por si mesmos!” Então, os dois **foram... e viram onde Jesus estava morando.** Jesus demonstrou com isto disposição para conversar e passar algum tempo com eles. A hora desse encontro foi **mais ou menos a hora décima**, que, de acordo com a contagem judaica, equivale às 16 horas. Esses discípulos permaneceram com Jesus **aquele dia**, o que pode significar que passa-

ram a noite. Os judeus contavam o dia a partir do início da noite até o início da noite seguinte; dividiam a noite e o dia em doze horas cada¹⁶.

Versículo 40. Um dos dois discípulos de João Batista que **ouviu** falar de Jesus e se comprometeu a segui-lo foi **André, o irmão de Simão Pedro**. O irmão de André ainda não havia entrado em cena, nem Jesus havia o chamado de “Pedro”, embora o nome completo “Simão Pedro” seja usado aqui. Embora pouco tenha sido dito sobre André, ele é um dos personagens mais interessantes da Bíblia. Seu nome aparece apenas cinco vezes neste Evangelho (1:40, 44; 6:8; 12:22 [duas vezes]), e em duas ocasiões ele é chamado de “irmão de Simão Pedro” (1:40; 6:8). Apesar de André ser introduzido pela primeira vez neste relato, Pedro já era bem conhecido no momento em que isto foi escrito. Por esse motivo, André, que era menos conhecido, é apresentado no texto como irmão de Pedro.

Versículo 41. Depois que André achar o Senhor, a **primeira** coisa que fez foi procurar **o seu próprio irmão, Simão**. André não esperou dias ou semanas para começar a compartilhar a boa notícia. Ele havia encontrado a resposta para sua própria condição espiritual e queria que Simão tivesse a mesma oportunidade (veja 9:4). Em Jesus, André **achou o Messias**. A palavra Μεσσίας (*Messias*) é uma transliteração grega de uma palavra hebraica ou aramaica que significa “O Ungido”. É traduzida para o grego por Χριστός (*Christos, Cristo*). A palavra grega *Messias* ocorre apenas aqui e em 4:25 no Novo Testamento, assim como na RA. No Antigo Testamento, designa o rei de Israel (1 Samuel 16:6; 2 Samuel 1:14) e o sumo sacerdote (Levítico 4:3). Em Salmos, refere-se aos patriarcas (Salmos 105:15).

Versículo 42. Embora pouco seja dito sobre André, cada menção dele o descreve levando alguém até Jesus (veja 6:8, 9; 12:20–22). Levar seu irmão até Jesus talvez tenha sido o maior ato de serviço de

¹⁶ Kent concordou com outros comentaristas, segundo os quais o Evangelho de João segue a contagem de horas romana, de modo que a hora aqui seria 10 da manhã. Ele disse que quem não adotar essa contagem de horas será confrontado com dificuldades intransponíveis para harmonizar o relato de João com o de Marcos. (Compare com João 19:14 e Marcos 15:25.) (Homer A. Kent Jr., *Light in the Darkness: Studies in the Gospel of John*. Winona Lake, Ind.: BMH Books, 1974, p. 44.) Carson, citando Plínio, o Velho, disse: “...‘as pessoas comuns em todo lugar’ concebem o dia indo da aurora até a escuridão. Judeus, romanos e outros dividiam o ‘dia’ (luz do dia) em doze horas; os romanos dividiam a noite em quatro vigílias” (Carson, p. 158; Plínio, o Velho, *História Natural* 2.79).

André. Jesus olhou cuidadosamente para o recém-chegado e mudou seu nome para **Cefas**, um nome aramaico que significa “pedra” e o equivalente ao vocábulo grego Πέτρος (*Petros, Pedro*). Esse nome não parece descrever o temperamento impulsivo de Pedro. A mudança de nome poderia se aplicar à pessoa que o Senhor esperava que Pedro se tornasse e ao homem que Pedro acabou se tornando: “o homem rocha”. A relevância principal desse incidente pode ser indicar o conhecimento que Jesus tinha das pessoas. Ele conhece totalmente as pessoas (veja 1:47, 48; 2:25), incluindo o potencial de cada ser humano.

Filipe e Natanael (1:43–51)

⁴³No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galileia e encontrou a Filipe, a quem disse: **Segue-me**. ⁴⁴Ora, Filipe era de Betsaida, cidade de André e de Pedro. ⁴⁵Filipe encontrou a Natanael e disse-lhe: **Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José**. ⁴⁶Perguntou-lhe Natanael: **De Nazaré pode sair alguma coisa boa? Respondeu-lhe Filipe: Vem e vê**. ⁴⁷Jesus viu Natanael aproximar-se e disse a seu respeito: **Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!** ⁴⁸Perguntou-lhe Natanael: **Donde me conheces? Respondeu-lhe Jesus: Antes de Filipe te chamar, eu te vi, quando estavas debaixo da figueira**. ⁴⁹Então, exclamou Natanael: **Mestre, tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!** ⁵⁰Ao que Jesus lhe respondeu: **Porque te disse que te vi debaixo da figueira, crês? Pois maiores coisas do que estas verás**. ⁵¹E acrescentou: **Em verdade, em verdade vos digo que vereis o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem**.

Versículos 43 e 44. Jesus estava em “Betânia, do outro lado do Jordão” (1:28) e decidiu viajar para o noroeste, para a **Galileia**. Não é apresentada nenhuma razão para explicar por que Jesus tomou essa decisão, mas foi ali que Jesus iniciou seu ministério. O texto não revela exatamente onde Jesus **encontrou a Filipe**. Antes de Filipe, outros haviam procurado Jesus; mas agora era Jesus quem procurava Filipe, **a quem disse: Segue-me**, implicando: “Continue a me seguir”. Assim como “André”, “Filipe” é um nome grego; significa “amante de cavalos”. Embora os Evangelhos Sinóticos não falem de Filipe, exceto quando ele é elencado com

os apóstolos, João o descreve alimentando a multidão (6:5–7), conduzindo gregos a Jesus (12:20–22), e perguntando sobre o Pai no cenáculo (14:8, 9). Filipe era de **Betsaida, cidade de André e de Pedro**. “Betsaida” significa “casa de pesca” ou, como interpretou Bruce, “cidade de pesca”; esse vilarejo ficava a uma curta distância a leste de onde o rio Jordão desagua no mar da Galileia¹⁷.

Versículo 45. Assim como André falou de Jesus ao seu irmão, Simão Pedro (1:40–42), **Filipe encontrou a Natanael** e contou-lhe sobre Jesus. Frederic Louis Godet comentou o seguinte sobre esse ato de Filipe: “Uma tocha acesa serve para acender outra”¹⁸. O processo de um encontrar o outro, como André encontrou Pedro e Filipe encontrou Natanael, é um método de evangelismo eficaz.

Sugerem alguns estudiosos que Natanael, cujo nome significa “dom de Deus”, deve ser identificado com Bartolomeu. Esse Bartolomeu não é citado em João, nem Natanael é citado nos Evangelhos Sinóticos. Bartolomeu forma dupla com Filipe nas listas dos apóstolos (Mateus 10:3; Marcos 3:18; Lucas 6:14). Além disso, ele é citado depois de Tomé em Atos 1:13, ao passo que o nome “Natanael” ocupa a mesma posição em João 21:2. “Bartolomeu” não é um nome pessoal, mas um nome derivado de um pai ou ancestral; significa “filho de Tolmai”. Como Simão Barjonas (Mateus 16:17), Bartolomeu certamente tinha outro nome.

Filipe falou de Jesus como **aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas**. Foi essencialmente isso que André disse a Simão quando exclamou que havia achado o Messias (1:41). Quando Filipe falou de Jesus, identificou-o como ela era conhecido, citando seu nome pessoal, **Jesus**; sua naturalidade, **Nazareno** e o nome legal de seu pai, **José**.

Versículo 46. Assim que ouviu Filipe, **Natanael** respondeu dizendo: **De Nazaré pode sair alguma coisa boa?** Natanael era de Caná da Galileia (21:2). Assim como os judeus costumavam tratar os galileus com menosprezo, parece que os galileus desprezavam os nazarenos (na Galileia). Até hoje, pode haver muita rivalidade entre essas comunidades. Alguns menosprezam os outros por serem de determinada região. Aparentemente, era esse tipo de rivalidade que havia entre cidades como

Caná e Nazaré. Diante disso, segundo Natanael, de Nazaré nada de bom podia sair. Essa cidade era vista com menosprezo.

A afirmação de Natanael revela mais do que uma rivalidade entre cidades. Nada no Antigo Testamento predizia que o Ungido de Deus viria de Nazaré. As Escrituras diziam que o Cristo viria da semente de Davi e da cidade de Belém (Miqueias 5:2), onde Davi nasceu (1 Samuel 17:12, 15; veja Lucas 2:4; João 7:42). Dizer que o Cristo veio de Nazaré equivalia a obscurecer sua ascendência e degradar sua origem divina. Jesus ficou conhecido como “Jesus de Nazaré” ou “Jesus, o Nazareno”¹⁹ – e não como “Jesus de Belém”, o que o relacionaria com o Rei Davi. Anos mais tarde, os cristãos foram tratados com desprezo como “a seita do Nazareno” (Atos 24:5). Se nada de bom podia vir de Nazaré, certamente isso se aplicava ao Ungido de Deus. Natanael cometeu o mesmo erro que as pessoas continuam a cometer hoje, tirando conclusões precipitadas sobre os outros simplesmente por causa de sua origem humilde. **Filipe** não abordou Natanael empregando um argumento detalhado; ele simplesmente disse: **Vem e vê**. É necessário se fazer uma investigação sincera quando se quer descobrir a verdade sobre qualquer assunto (veja Atos 17:11).

Versículo 47. Quando **Jesus viu Natanael aproximar-se**, disse: **Eis um verdadeiro israelita, em quem não há dolo!** Esta é a única ocorrência de “israelita” no Evangelho de João. Ao contrário da expressão “os judeus”, “israelita” tem aqui uma conotação positiva. Jesus não estava dizendo que Natanael era um “verdadeiro israelita” nos parâmetros do comentário de Paulo sobre o verdadeiro Israel (Romanos 9–11). Jesus estava destacando que Natanael era um certo tipo de israelita, em quem não havia falsidade ou engano. Talvez esse alto elogio seja melhor compreendido levando-se em conta a conversa que se seguiu, uma possível referência à escada de Jacó (Gênesis 28:10–17). O nome de Jacó era tradicionalmente associado ao ato de enganar. Quando Isaque disse: “Veio teu irmão astuciosamente e tomou a tua bênção”, Esaú respondeu: “Não é com razão que se chama ele Jacó? Pois já duas vezes me enganou” (Gênesis 27:35, 36a). O nome de Jacó foi mais tarde mudado para “Israel” após uma visão de Deus, uma expe-

¹⁷ Bruce, p. 59.

¹⁸ Frederic Louis Godet, *Commentary on John's Gospel*. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1978, p. 332.

¹⁹ Veja Mateus 2:23; 26:71; Marcos 1:24; 10:47; Lucas 4:34; 24:19; João 18:5, 7; 19:19.

riência que mudou sua vida (Gênesis 32:24–28). Ao contrário de Jacó, Natanael era um israelita “sem dolo”. Apesar de criticar pessoas de Nazaré, ele tinha motivos que eram puros. Natanael aceitou o convite de Filipe para investigar Aquele sobre quem Moisés e os profetas haviam escrito.

Versículo 48. Natanael não contestou a avaliação de Jesus, mas reagiu surpreso perguntando: **Donde me conheces?** Jesus disse que Ele o conhecia **antes de Filipe o chamar**, enquanto ele estava **debaixo da figueira**. Isso era algo que só Jesus e Natanael sabiam. Jesus estava revelando seu conhecimento sobrenatural. Ele estava mostrando que conhece cada ser humano a ponto de saber o que está em seu coração (veja 2:24, 25).

Versículo 49. Natanael, o céptico, tornou-se Natanael, o crente. Aquele que demonstrou tamanho conhecimento sobrenatural só podia ser Aquele de quem as Escrituras testemunharam que viria. **Natanael** dirigiu-se a Jesus com o respeitoso título **Mestre** (veja os comentários em 1:38) e, depois, atribuiu a Jesus dois títulos messiânicos: **tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel!** No Antigo Testamento, Salomão é descrito como um filho de Deus: “Eu lhe serei por pai, e ele me será por filho” (2 Samuel 7:14). O povo de Israel também é chamado filho de Deus: “Quando Israel era menino, eu o amei; e do Egito chamei o meu filho” (Oséias 11:1). Embora João nunca use exatamente essa expressão para os crentes, o livro se refere àqueles que creem em Jesus como “filhos de Deus” (1:12); estes têm o privilégio de chamar Deus de “Pai” (16:23). No presente contexto, a expressão “Filho de Deus” descreve a relação única entre Jesus e seu Pai.

No Salmo 2:6 e 7, Deus disse ao rei de Israel, ungido e entronizado no santo monte Sião: “Tu és meu Filho, eu, hoje, te gerei”. Bruce sugeriu que “não precisamos deduzir que, num estágio tão inicial de sua carreira como discípulo, Natanael quisesse dizer muito mais com [a expressão ‘Filho de Deus’] do que com ‘Rei de Israel’; eram formas alternativas de denotar o Messias”²⁰. Carson disse que “o título de *Rei de Israel* era usado pelos judeus da Palestina para o Messias”²¹. Os reis eram os ungidos de Deus (veja Salmos 2:1–7). Quando alguns tentaram tomar Jesus à força e torná-lo rei, ele resistiu (6:15). No entanto, Jesus se apresentou como Rei, posteriormente, em sua entrada triun-

fal (12:12–15) e afirmou perante Pilatos que havia nascido para ser Rei (18:33–37). Jesus era o Rei prometido, embora seu reino não fosse deste mundo (18:36).

Versículos 50 e 51. A fé de Natanael em Jesus estava baseada em um milagre. **Jesus** prometeu que Natanael veria **maiores coisas do que estas** – isto é, sua demonstração de conhecimento sobrenatural, bem como seus sinais relatados por João. Não seria somente Natanael que testemunharia maiores coisas, mas seus companheiros discípulos também seriam testemunhas. Isso é evidenciado pela mudança da segunda pessoa do singular ὄψῃ (*opsē*, **te disse**) em 1:50, para a segunda pessoa do plural ὄψεσθε (*opsesthe*, **vereis**) em 1:51.

O versículo 51 introduz pela primeira vez a afirmação dupla: **Em verdade, em verdade vos digo**²². A expressão grega ἀμήν ἀμήν (*amēn amēn*) é traduzida de várias maneiras: “em verdade, em verdade”, “verdadeiramente” e “eu afirmo que isto é verdade”. A transliteração grega *amēn* é de origem hebraica e significa “constante” ou “certamente”. É usado até hoje para exprimir aprovação do que foi pronunciado por outra pessoa (veja 1 Coríntios 14:16). A expressão é atribuída somente a Jesus nos Relatos do Evangelho – sempre mencionada uma só vez nos Sinóticos e duplamente em João. Quando Jesus a empregou, foi para confirmar a certeza e fidedignidade do que estava dizendo.

A declaração de Jesus a Natanael de que ele veria **o céu aberto e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do Homem** parece ser uma referência à visão de Jacó (Gênesis 28:10–17). O relato do sonho de Jacó não diz que os céus foram abertos, ao passo que aqui não há menção da escada que Jacó viu. Ambas as passagens tratam da comunicação entre o céu e a terra; mas aqui se diz que os anjos sobem e descem não em uma escada, mas sobre o “Filho do Homem”, o próprio Jesus (8:28). Jesus é retratado como o elo entre o céu e a terra (3:13), o mediador entre Deus e o homem. Ele é o meio pelo qual as realidades do céu são trazidas para a terra. Figuradamente, então, a passagem diz que Jesus revela coisas celestiais.

A expressão “Filho do Homem” era a autodesignação favorita de Jesus. Muitos associam essa expressão com a humanidade de Jesus; e, embora

²⁰ Bruce, p. 61.

²¹ Carson, p. 162.

²² Essa afirmação ocorre com frequência em João (1:51; 3:3, 5, 11; 5:19, 24, 25; 6:26, 32, 47, 53; 8:34, 51, 58; 10:1, 7; 12:24; 13:16, 20, 21, 38; 14:12; 16:20, 23; 21:18).

essa conotação não deva ser descartada, há mais a se considerar. Ao usar “Filho do Homem”, Jesus, sem dúvida, estava se referindo à figura divina descrita em Daniel 7:13 e 14, uma pessoa única que viria no futuro:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha com as nuvens do céu um como o Filho do Homem, e dirigiu-se ao Ancião de Dias, e o fizeram chegar até ele. Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino, para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem; o seu domínio é domínio eterno, que não passará, e o seu reino jamais será destruído.

Esse “Filho do Homem” predito por Daniel seria adorado e teria autoridade, glória e poder. Quando Jesus aplicou esse título a si mesmo, ele não parecia estar apenas alegando ser um membro da raça humana; ele estava alegando ser *essa* figura divina (cf. Marcos 14:61–64), Aquele que estava distintamente qualificado para revelar Deus ao homem.

APLICAÇÃO

Cristianismo Atual (cap. 1)

No primeiro capítulo do Evangelho de João, podemos ver um padrão para o cristianismo atual. João 1 não foi necessariamente escrito para fornecer esse padrão, mas o capítulo inclui quatro princípios essenciais para quem quer ser um cristão segundo o Novo Testamento no mundo atual. Todos esses quatro princípios estão relacionados a Cristo. O cristianismo tem Cristo como centro. O que é o cristianismo, conforme revelado em João 1?

Primeiro, o cristianismo do Novo Testamento envolve o conhecimento da verdade de que Cristo era humano e divino (1:1–18).

Quando começamos a ler o Evangelho de João, imediatamente notamos que João é diferente dos outros três Relatos do Evangelho. João não começa da mesma maneira que eles começam, nem prossegue como os outros. João é diferente, enquanto os outros três livros são semelhantes; eles são chamados de “Evangelhos Sinóticos” ou “Sinóticos”²³.

Por que o Evangelho de João é diferente? Obviamente, João, assim como os outros escritores, tinha a intenção de apresentar Jesus como o Filho

²³ A palavra “sinótico” sugere a ideia de “ver o mesmo” ou “ver da mesma forma”. A ideia é que os “Evangelhos Sinóticos” veem e relatam a história de Jesus da mesma forma. João relata de uma forma diferenciada.

de Deus; no entanto, ele também tinha objetivos que são diferentes dos de Mateus, Marcos e Lucas. Provavelmente, ele conhecia os outros relatos da vida de Jesus e sabia que seus leitores também os conheciam; por isso, muitas vezes evitava recontar as histórias que já haviam contado da mesma maneira que os outros as contaram.

Em que aspectos João é diferente? Este Relato do Evangelho é evidentemente mais “teológico” do que os outros. João contém grandes verdades teológicas que são apenas sugeridas nos primeiros três livros do Novo Testamento.

Em João 1:1–18, encontramos um bom exemplo dessa tendência. O livro começa não com a história do nascimento de Cristo nem com a genealogia de Cristo, mas com a pré-existência de Cristo. João queria que soubéssemos exatamente quem é Jesus Cristo.

1) Ele é “o Verbo”, “a Palavra”, o *Logos* divino, uma designação usada por João para expressar a poderosa posição proeminente de Jesus no céu antes de vir à terra (1:1).

2) Ele estava “no princípio com Deus” (1:1). Ele não começou a existir quando nasceu em Belém; Jesus sempre existiu por toda a eternidade.

3) Ele estava “com Deus” e “era Deus” (1:1). Em outras palavras, Jesus possui os mesmos traços ou características do Pai. O Pai é Deus; mas Jesus Cristo, o Filho de Deus, também é Deus.

4) Ele participou da criação, assim como Deus: “sem ele, nada do que foi feito se fez” (1:3; veja 1:10; Colossenses 1:16; Hebreus 1:2). Quando Deus disse: “Façamos o homem à nossa imagem” (Gênesis 1:26), ele se dirigiu a si mesmo; e o “eu” a quem ele se dirigiu incluía o Verbo divino.

5) Ele era e é a luz e a origem da vida para todos (1:4; veja 1:7–9). Sem ele, como ensina repetidamente o Novo Testamento, não há luz nem esperança de vida.

6) Ele foi, e é muitas vezes rejeitado. “A luz resplandece nas trevas”, mas as “trevas” a rejeitam (1:5, 11). João e os demais Relatos do Evangelho deixam claro desde o início que Jesus não foi aceito por todos.

7) O mesmo Jesus Cristo que era o Verbo divino se fez carne: “O Verbo se fez carne, e habitou entre nós, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (1:14). Esse texto ensina que o Jesus que andou entre os homens era um homem, um ser humano composto de carne e osso; mas Ele não era só homem –

nem um homem extraordinário que, tal como os profetas, podia operar milagres. Jesus era o Filho de Deus, Deus em carne, que existe por toda a eternidade com Deus e como Deus!

Neste fato reside nossa esperança: Jesus Cristo era divino e humano! O cerne do cristianismo é esta verdade. Sem essa verdade, o cristianismo nada seria! Por causa dessa verdade, o cristianismo é tudo!

Em segundo lugar, o cristianismo do Novo Testamento envolve proclamar que Cristo é o Filho de Deus e o Cordeiro de Deus (1:19–34).

Em 1:1–18, somos informados de que João Batista foi um profeta “enviado por Deus”. Ele veio para dar testemunho da “luz”, Jesus Cristo (1:6, 7); e ele testificou da divindade de Cristo (1:15). A seção 1:19–34 descreve o ministério de João Batista. João negou claramente que era o Cristo, o Messias que os judeus esperavam. Ele disse que era o precursor do Messias, aquele cujo trabalho era preparar a chegada do Messias. Ele também testificou que o Cristo para quem ele estava preparando o caminho seria muito maior do que ele (1:19–28).

O versículo 29 diz que “no dia seguinte, viu João a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!” (veja 1:36). João prosseguiu dizendo que, embora ele não reconhecesse (a princípio) que Jesus era o Messias que havia de vir, Deus lhe revelou quem era Jesus quando o Espírito Santo desceu sobre Jesus (na ocasião em que João o batizou). Assim, João testificou: “Pois eu, de fato, vi e tenho testificado que ele é o Filho de Deus” (1:34).

Quando chamou Jesus de “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (1:29), João declarou que Jesus tinha vindo à terra não só como o Filho de Deus, que estabeleceria o seu reino, mas também como o Cordeiro sacrificial de Deus, que morreria para tirar os pecados da humanidade. Jesus cumpriu essa missão quando morreu na cruz (veja Mateus 26:28). Sem o sacrifício, a morte e a ressurreição de Jesus, não teríamos esperança de salvação.

Devemos agradecer a Deus por João ter proclamado que Jesus é o Cordeiro de Deus. Se o evangelho não tivesse sido proclamado fielmente, o cristianismo estaria extinto hoje. Ninguém teria oportunidade de ser salvo!

A proclamação de Jesus Cristo foi – desde o início do Evangelho Segundo João, desde o início do ministério de Cristo, e desde o início da igreja

de Cristo – um aspecto essencial do ensino sobre Cristo (Mateus 28:18–20; Marcos 16:15, 16; Atos 1:8). Depois que Jesus subiu ao céu, os apóstolos, evangelistas e outros cristãos continuaram a pregar sobre ele.

Jesus deve ser proclamado hoje! Jesus foi proclamado pública e privadamente no primeiro século e devemos proclamá-lo pública e privadamente, se quisermos ser, individualmente, os seus discípulos e, coletivamente, a Sua igreja.

Em terceiro lugar, o cristianismo do Novo Testamento exige que os que creem vivam como discípulos ou seguidores de Cristo (1:35–39, 43).

João 1:35–39 fala sobre o chamado de alguns discípulos de Jesus. O versículo 43 diz: “No dia imediato, resolveu Jesus partir para a Galileia e encontrou a Filipe, a quem disse: Segue-me”.

Esta passagem ilustra que o cristianismo propõe um relacionamento pessoal entre indivíduos e Cristo na vida diária; a presença constante de Jesus Cristo com seus seguidores. Depois que João Batista proclamou que Jesus é o Cordeiro de Deus (1:36), dois de seus discípulos “seguiram Jesus” (1:37) e “ficaram com ele aquele dia” (1:39). Então Jesus chamou Filipe para segui-lo (1:43). Jesus juntou discípulos para si. O desenvolvimento de um relacionamento pessoal com Jesus envolvia várias etapas.

1) Um dos pré-requisitos para se ter esse relacionamento mais íntimo com Cristo durante seu ministério era ter recebido o *convite de Jesus*. Em 1:39, Jesus disse aos indivíduos presentes: “Vinde e vede”; depois, disse a Filipe: “Segue-me” (1:43). Hoje Ele continua a desafiar aqueles que querem ouvi-lo, dizendo, com efeito: “Sigam-me!”

2) Outro pré-requisito para se estabelecer um relacionamento pessoal com Jesus era *aceitar o seu convite*. Uma coisa boa sobre esses discípulos é que eles aceitaram o convite de Jesus para “vir” e “seguir”. Hoje, embora Jesus convide a todos (Mateus 11:28–30), nem todos aceitam seu convite. Aqueles que optam por seguir Jesus precisam aceitar os termos impostos por Jesus. Precisam crer que ele é o Filho de Deus (João 3:16), confessar sua fé ou confiança nele (Romanos 10:9, 10), arrepender-se de seus pecados (Atos 17:30) e ser batizados para o perdão dos pecados (Atos 2:38). Ao fazer isso, sinalizam que aceitam o convite de Jesus e assim se tornam seus discípulos.

O estabelecimento de um relacionamento pessoal com Cristo, por envolver a aceitação do con-

vite lançado por Cristo, depende do indivíduo. Cristo chama a todos, porém nem todos ouvem. João 1:11 e 12 diz: “Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome”. A escolha está em nossas mãos: podemos rejeitar ou receber o Cristo!

3) O terceiro pré-requisito para se ter um relacionamento pessoal com Cristo era permanecer perto de Cristo. Assim como aqueles que começaram a seguir a Cristo em João 1 continuaram a conviver com o Senhor pelos próximos três anos, nós devemos viver continuamente com Cristo pensando nele, lendo e meditando sobre ele e procurando ser como ele.

Devemos entender que o verdadeiro cristianismo não consiste apenas em comparecer às reuniões de adoração; é preciso atingir e manter um relacionamento pessoal com Cristo!

Finalizando, o cristianismo do Novo Testamento envolve compartilhar a boa notícia sobre Cristo (1:40–51).

O que aconteceu quando esses homens se tornaram discípulos de Jesus? Quando descobriram Jesus e se convenceram de que ele era o Cristo, contaram a seus amigos e parentes que haviam encontrado o tão esperado Messias. Dois dos discípulos de João o ouviram dizer que Jesus era “o Cordeiro de Deus” (1:29), e então seguiram Jesus. O Senhor os convidou a “vir” e “ver” onde ele estava hospedado. A seguir, João nos diz que “era André, o irmão de Simão Pedro, um dos dois que tinham ouvido o testemunho de João e seguido Jesus” (1:40). E, depois, lemos: “Ele achou primeiro o seu próprio irmão, Simão, a quem disse: Achamos o Messias (que quer dizer Cristo) e o levou a Jesus” (1:41, 42a). Depois que Jesus disse a Filipe: “Segue-me” (1:43), Filipe encontrou outro candidato, Natanael, a quem disse: “Achamos aquele de quem Moisés escreveu na lei, e a quem se referiram os profetas: Jesus, o Nazareno, filho de José” (1:45). Encontrar o Messias é uma grande descoberta! Aqueles que fazem essa descoberta naturalmente querem contá-la a outros.

Por que João contou essas histórias, considerando que ele foi muito seletivo em relação ao

conteúdo que escolheu inserir em sua narrativa? Talvez, escrevendo muito depois do estabelecimento da igreja, João quisesse lembrar à igreja como o evangelho se espalhou inicialmente, de pessoa para pessoa. Talvez os cristãos daquele tempo não estivessem dando o devido valor ao cristianismo. Talvez, à semelhança dos cristãos de hoje, aqueles leitores precisassem pensar na grata surpresa que muitos experimentaram assim que descobriram que Jesus era o Cristo. Talvez necessitassem de estímulo e ânimo para divulgar a boa notícia!

Conclusão. Nota-se uma progressão neste capítulo. A verdade sobre Cristo – que Ele é Deus em carne – está por trás de todos os demais fatos relatados. Cristo foi proclamado por João Batista. Indivíduos reagiram a essa verdade e se tornaram discípulos de Jesus. Aqueles que escolheram seguir Jesus, posteriormente, foram e divulgaram a boa notícia sobre Cristo!

Essa história se repetiu várias vezes depois que a igreja foi estabelecida. A verdade sobre Jesus Cristo continuou a ser o fundamento da igreja. Evangelistas e pregadores começaram onde João Batista havia parado. Eles proclamaram que Jesus era o esperado Filho de Deus e, sendo o Cordeiro de Deus, é o único meio pelo qual o pecado pode ser removido. Pessoas que aceitaram a verdade sobre Cristo continuaram a se tornar seus discípulos, aceitando seu convite para “seguir-lo”, assim que decidiram obedecer ao evangelho (como em Atos 2). Esses crentes foram instruídos pelos apóstolos e evangelistas a viver para Jesus, a manter um relacionamento íntimo com ele. E, assim, divulgaram com entusiasmo a boa notícia sobre Jesus. “Entretanto, os que foram dispersos iam por toda parte pregando a palavra” (Atos 8:4).

O entusiasmo desses cristãos em divulgar o evangelho explica porque a igreja do primeiro século cresceu de maneira tão espetacular. Naquela mesma geração, ela se multiplicou e se espalhou por todo o mundo conhecido.

Assim deve ser hoje! O que deveria nos levar a querer divulgar a boa notícia sobre Cristo? O maravilhoso pensamento: “Achamos o Messias! Conhecemos o Cordeiro de Deus!”

Coy Roper